

Universidade do Vale do Paraíba
Faculdade de Educação e Artes
Curso de Psicologia

Brenda Bertolotti Barreto
Clarisse Moreira Montuori Martins
Roberta Silva Zuliani

**A amizade como suporte para a experiência da falta na abordagem
psicanalítica**

São José dos Campos – SP
2025

Brenda Bertolotti Barreto
Clarisse Moreira Montuori Martins
Roberta Silva Zuliani

**A amizade como suporte para a experiência da falta na abordagem
psicanalítica**

Trabalho apresentado à Banca de
Qualificação, como parte das exigências da
disciplina Trabalho de Graduação II do curso
de Psicologia da Faculdade de Educação e
Artes da Universidade do Vale do Paraíba

São José Dos Campos – SP
2025

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DA OBRA

Ficha catalográfica

Martins, Clarisse

A amizade como suporte para a experiência da falta na abordagem psicanalítica / Clarisse Martins; Brenda Barreto; Roberta Zuliani; orientador, Lauro Take Tomo Veloso. - São José dos Campos, SP, 2025.

43 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos. Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Amizade. 3. Falta. 4. Saúde mental. 5. Psicanálise. I. Barreto, Brenda. II. Zuliani, Roberta. III. Take Tomo Veloso, Lauro, orient. IV. Universidade do Vale do Paraíba. Psicologia. V. Título.

Eu, Clarisse Martins, autor(a) da obra acima referenciada:

Autorizo a divulgação total ou parcial da obra impressa, digital ou fixada em outro tipo de mídia, bem como, a sua reprodução total ou parcial, devendo o usuário da reprodução atribuir os créditos ao autor da obra, citando a fonte.

Declaro, para todos os fins e efeitos de direito, que o Trabalho foi elaborado respeitando os princípios da moral e da ética e não violou qualquer direito de propriedade intelectual sob pena de responder civil, criminal, ética e profissionalmente por meus atos.

São José dos Campos, 17 de Dezembro de 2025.

Autor(a) da Obra

Data da defesa: ____/____/____

Brenda Bertolotti Barreto
Clarisse Moreira Montuori Martins
Roberta Silva Zuliani

A amizade como suporte para a experiência da falta na abordagem psicanalítica

Relatório final de pesquisa aprovado como parte das exigências da disciplina Trabalho de Graduação II do curso de Psicologia da Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Lauro Take Tomo Veloso (UNIVAP) _____

Profa. Ma. Elisabete Cristina Carnio Beltrame
(UNIVAP) _____

Prof. Dr. Rodney Querino Ferreira da Costa (UNIVAP)

Nota: 10,0

Profa. Dra. Ana Enedi Prince Silva
Diretora da Faculdade de Educação e Artes – FEA/UNIVAP
São José dos Campos, 02 de dezembro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Às amigadas que caminharam conosco ao longo dessa trajetória, foram elas com sua cúmplice presença incontestável que sustentaram essa travessia. Chegamos até aqui porque estivemos acompanhadas.

Um agradecimento àquelas que vieram e foram, pois a importância da relação mora no afeto, não no imensurável do tempo que ela dura.

A possibilidade da conclusão se deu através da rede de amigadas que mobilizaram o desejo à temática desde sua pré-existência.

Um agradecimento aos professores que possibilitaram a construção de um olhar crítico mediante os fenômenos da vida e das relações humanas.

*Quem se expõe a fazer um caminho nunca
antes percorrido precisa contar com um
amigo.*

Jorge Forbes

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender o papel das relações de amizade no enfrentamento da falta sob a perspectiva psicanalítica, articulando conceitos fundamentais da teoria psicanalítica clássica e contemporânea, como castração, falta, desejo, sublimação e laço social, com os desafios impostos pela sociedade neoliberal e capitalista. Partindo de uma revisão narrativa da literatura, compreende-se que a amizade, enquanto laço social sublimado, opera como um fator protetivo contra o sofrimento psíquico, na medida em que oferece um espaço de reconhecimento da falta e não da sua negação ou tentativa de preenchimento. O estudo percorre a constituição do sujeito em Freud e Lacan, explora a amizade como resistência ética em Foucault e investiga suas implicações clínicas a partir da técnica elástica e da ética do cuidado de Ferenczi. Conclui-se que a amizade se configura como um recurso ético-político e clínico ao individualismo e ao enfraquecimento dos laços, sustentando a dimensão do desejo e a invenção de novas formas de vida, fundamental para a promoção da saúde mental.

Palavras-chave: amizade; falta, psicanálise; saúde mental.

ABSTRACT

This study aims to examine the role of friendship in confronting lack from a psychoanalytic perspective, articulating fundamental concepts of both classical and contemporary psychoanalytic theory, such as castration, lack, desire, sublimation, and social bond, with the challenges posed by neoliberal and capitalist society. Drawing on a narrative literature review, the analysis proposes that friendship, as a sublimated social bond, functions as a protective factor against psychic suffering by offering a space in which lack can be acknowledged rather than denied or artificially filled. The study traces the constitution of the subject in Freud and Lacan, explores friendship as an ethical form of resistance in Foucault, and investigates its clinical implications through Ferenczi's elastic technique and ethics of care. It concludes that friendship emerges as an ethical-political and clinical resource against individualism and the weakening of social bonds, supporting the dimension of desire and enabling the invention of new forms of life, elements fundamental to the promotion of mental health.

Keywords: friendship; lack; psychoanalysis; mental health.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 OBJETIVOS	8
2.1 Objetivo geral	8
2.2 Objetivos específicos	8
3 JUSTIFICATIVA	8
4 MÉTODO	10
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	11
5.1 Principais conceitos relacionados ao tema e seus autores	11
5.1.1 Constituição da Subjetividade	12
5.1.1.1 Em Sigmund Freud	12
5.1.1.2 Em Jacques Lacan	14
5.1.2 Castração, falta e desejo	15
5.1.3 Sublimação e amizade	18
5.1.4 Amizade como Laço social	21
5.2 O papel da amizade como fator protetivo e como resistência ao sistema capitalista neoliberal	23
5.3 O papel da amizade na clínica psicanalítica	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O ser humano é um ser social, dotado de linguagem, que se constitui a partir das relações que estabelece com o outro (Lacan, 1984/2008). Apesar de constituir-se no social, a partir do momento que se subjetiva, diferencia-se, passando a vivenciar um processo de individualização. Torna-se radicalmente sozinho e marcado pela falta, constituinte do ser humano e consequência de experiências de perda(s) constitutivas e estruturantes que deixam como rastro uma angústia a ser lidada ao longo da vida, que, unida às condições da contemporaneidade, intensifica a experiência da angústia da falta (Lacan, 1961-1962/2003).

Segundo Bauman (2004), em um contexto social organizado a partir da lógica do sistema capitalista neoliberal, marcado por excesso de individualismo e enfraquecimento dos vínculos sociais, acrescido de altas exigências de desempenho, autorrealização e consumo, tem-se um quadro no qual grande parcela da população encontra-se adoecida, apresentando sintomas que interferem diretamente em sua qualidade de vida e denotam sofrimento psíquico, como a exaustão e anestésias, evidenciada pelo aumento dos diagnósticos psiquiátricos, medicalização do sofrimento psíquico, burnout, e outros sintomas da contemporaneidade (Han, 2010/2017).

De acordo com um relatório recente da OMS (Organização Mundial de Saúde, 2025), atualmente, evidencia-se uma verdadeira epidemia de solidão que atravessa faixas etárias e regiões. Em paradoxo com a hiperconectividade contemporânea: entre 2014 e 2023, cerca de 16% das pessoas no mundo, praticamente uma em cada seis, reportaram solidão, ao passo que estimativas globais apontam para aproximadamente 871 mil mortes por ano atribuíveis a esse fenômeno (2014–2019). A própria OMS assinalou que a atenção ao tema cresceu na ocorrência da pandemia de COVID-19 e das preocupações com o impacto das tecnologias digitais nas relações sociais. A literatura sintetizada pela Comissão mostra que a desconexão social possui consequências severas e sub-reconhecidas sobre a saúde mental (depressão, ansiedade, ideação suicida) e sobre desfechos físicos e cognitivos, inclusive mortalidade; de modo correlato, a conexão social exerce efeito protetivo consistente, associado a maior sobrevida e a melhor prognóstico em diversos indicadores de saúde.

Considerando o proposto tema para investigação, que trata a amizade como suporte para a experiência da falta e fator protetivo em um contexto sócio histórico específico, as referências utilizadas no trabalho constituem base empírica para sustentar laços de amizade como fundamentais para a constituição da subjetividade e para a experiência humana. Além de reduzir diversos riscos, amortecer estressores e favorecer processos de cuidado e simbolização ao longo do curso de vida, mesmo em um cenário de hiperexposição digital e fragilização de vínculos que caracteriza a contemporaneidade.

Ao longo dos séculos, as formas de amizade não apresentaram mudanças significativas, apesar da modernização dos meios de comunicação, já que corresponde, desde o início das civilizações, a uma necessidade essencial de encontro com o outro, que se renova ao longo da existência (Brun, 2007).

Segundo Costa (2012), são as amizades verdadeiras que encurtam a distância entre os sujeitos, entendidas pelo autor como pontes que unem as ilhas de individualismo e isolamento que caracterizam a vida moderna. O autor também refere-se às amizades profundas como essenciais para o equilíbrio psíquico, a integração social, satisfação pessoal e saúde mental. Nesse sentido, as relações de amizade podem ser aliadas no enfrentamento e subversão à lógica imposta pelo sistema capitalista, ao desafiar normas tradicionais e promover formas mais emancipatórias de convivência.

Ao adotar a psicanálise como abordagem teórica deste trabalho, a partir de um olhar que considera a teoria psicanalítica clássica e contemporânea, se traçará um percurso em que, primeiramente, serão abordados conceitos e teorias fundamentais, formuladas por Sigmund Freud (1856-1939), seu fundador, como a teoria das tópicas referente ao funcionamento do psiquismo, dos estágios do desenvolvimento psicosssexual, do complexo de Édipo, e da sublimação. Freud introduziu o conceito de sublimação como uma maneira de redirecionar os impulsos sexuais para atividades socialmente aceitáveis. Entre essas atividades, descreveu a amizade como uma forma de relacionamento de ternura, onde os desejos são sublimados em afeto não sexual (Freud, 1930).

Também serão abordados conceitos trabalhados por Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981), renomado psicanalista francês contemporâneo do pai da psicanálise, que teorizou conceitos como a constituição do psiquismo a partir da

linguagem, o desejo e o *objeto a* como estruturalmente ligados à falta. Ele enfatizou a importância das relações interpessoais e a estruturação do sujeito a partir do desejo do Outro¹. Lacan também explorou como a falta, e sobretudo a castração simbólica, são fundamentais para o desejo humano e, por consequência, para a escolha das relações estabelecidas (Lacan, 1959-1960/1997; 1964/1985).

Após a conceituação teórica, o presente trabalho propõe refletir sobre como o processo de subjetivação se dá em um contexto histórico e material específico — marcado pelas lógicas do capitalismo e do neoliberalismo —, atravessando a sintomatologia contemporânea e suas formas de angústia. Nesse cenário, busca-se compreender de que modo a amizade pode atuar como um suporte simbólico e afetivo diante das fragilidades e impasses subjetivos próprios desse tempo, isto é, os aspectos da falta.

Avançando ainda mais nas discussões e pensando em profissionais da área da psicologia, será explorado de que maneira a amizade pode ser tecnicamente manejada na clínica, a partir das noções de transferência trabalhadas pelo psicanalista clássico Sándor Ferenczi, aluno, amigo e analisando do pai da psicanálise (Luz, 2024).

A fim de alcançarmos tais propósitos de discussão o presente trabalho foi organizado da seguinte forma, a seguir, encontram-se os objetivos que nortearam a pesquisa, seguido da justificativa e da metodologia que orientará a construção do trabalho. Em seguida, será abordada a discussão e os resultados, em que serão apresentados, primeiramente, os principais conceitos relacionados ao tema e seus autores: a constituição da subjetividade em Freud e Lacan, a falta, o desejo, a relação da amizade com os processos de sublimação e a amizade como laço social. Em segundo lugar, será discutido o papel da amizade como fator protetivo e um ato de resistência política às lógicas totalizantes e segregacionistas do sistema capitalista neoliberal, finalizando com o papel da amizade como técnica no manejo na clínica psicanalítica. Por fim, serão apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas para embasar e fundamentar esse trabalho.

A seguir serão apresentados os objetivos da presente pesquisa.

¹ Compreende-se por *Outro* um lugar de afeto, com função de provimento de cuidados.

2 OBJETIVOS

O trabalho apresenta dois tipos de objetivos. Objetivo geral, que busca descrever de forma ampla e central o objetivo principal. Objetivos específicos, que buscam detalhar e desdobrar em etapas mais aprofundadas acerca do tema proposto.

2.1 Objetivo geral

Compreender o papel das relações de amizade como suporte no enfrentamento da falta, em um contexto social e cultural marcado pelo individualismo.

2.2 Objetivos específicos

- Compreender os conceitos-chave da literatura psicanalítica clássica que fundamentam o papel da amizade no enfrentamento da falta: constituição da subjetividade, falta, desejo, sublimação e laço social;

- Investigar o papel da amizade como um aspecto protetivo no enfrentamento da falta e da angústia, dentro de um contexto histórico específico, marcado pelo individualismo e enfraquecimento dos laços sociais;

- Investigar as contribuições da amizade no manejo da prática clínica.

A seguir, será apresentada a justificativa para realização do presente trabalho.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema decorre de um interesse profundo das alunas em explorar como as relações de amizade podem auxiliar como recurso no enfrentamento da falta e do vazio que nos constitui. Entender as dinâmicas que essas relações proporcionam na vida dos indivíduos, especialmente em momentos de angústia, se mostra relevante em um contexto de crescente esgarçamento dos laços sociais.

Esse interesse é impulsionado por experiências pessoais, como a relação de amizade construída ao longo da graduação de Psicologia pelas integrantes do trabalho, que destacam a importância das conexões interpessoais como mitigadora

da angústia cotidiana decorrente da exigência do contexto universitário, das experiências da vida e da falta que nos constitui.

Além do interesse pessoal, a temática pode contribuir no âmbito social, enfatizando a importância do vínculo de amizade como protetivo no enfrentamento das dificuldades inerentes ao sistema capitalista neoliberal em que estamos inseridos, sendo um tipo de relação privilegiada nesse aspecto, considerando que o ser humano é um ser social que vive em sociedade.

No que se refere ao aspecto científico, a temática, ainda relativamente pouco explorada, oferece a oportunidade de promover revisões e caminhos que articulem maneiras de interpretar e compreender o impacto das relações de amizade nos processos de subjetivação na contemporaneidade, considerando também o desenvolvimento no âmbito da clínica.

Importante considerar que, segundo Costa (2012, p. 4), após a dissolução do Comitê dos Sete Anéis², Freud reconheceu que "a fonte mais dolorosa de sofrimento reside na insuficiência do método analítico para regular as relações das pessoas nos grupos sociais", o que denota a relevância da temática considerando os desafios contemporâneos, a vida em sociedade e a atuação do analista na clínica psicanalítica.

A seguir, será apresentada a metodologia que orientou a construção deste trabalho.

4 MÉTODO

O presente estudo utiliza de um delineamento de pesquisa qualitativa exploratória e revisão de literatura, com abordagem narrativa.

O modelo justifica-se pela sua coerência com os objetivos da pesquisa uma vez que a pesquisa qualitativa caracteriza-se por compreender fenômenos através da coleta de dados narrativos, a partir de fontes teóricas e documentos, explorando experiências e significados subjetivos. A pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema. Busca levantar informações que tornem o tema mais explícito e ajudem na formulação de hipóteses e permite uma abordagem flexível e aberta, considerando diferentes perspectivas sobre o objeto de estudo. A revisão de

² Comitê criado em 1912 por iniciativa de Ernest Jones, e apoio de Freud, para preservar a ortodoxia da psicanálise diante das dissidências internas que ameaçavam seu desenvolvimento.

literatura fundamenta teoricamente a pesquisa, utilizando fontes disponíveis para compreender o tema. Por fim, ao contrário da revisão sistemática, a qual exige critérios explícitos e métodos reprodutíveis, a revisão narrativa permite maior subjetividade e adaptação na escolha e interpretação das fontes, sendo mais adequada para o contexto deste estudo acadêmico (Shaughnessy, Zechmeister, Zechmeister, 2012).

A revisão de literatura busca examinar, selecionar e analisar criticamente o que já foi produzido sobre os conceitos fundamentais na psicanálise em relação direta com tema proposto. Tem como objetivo fornecer embasamento teórico para alcançar os objetivos propostos no trabalho.

A revisão foi realizada por meio da consulta a artigos científicos, livros e publicações disponíveis em bases de dados como SciELO, PePSIC e Google Scholar, além de obras clássicas adquiridas em formato digital, especialmente o livro “O sentido da amizade em Ferenczi”, de Luiz Ricardo Prado de Oliveira (2012). Foram analisados textos fundamentais de Freud, Ferenczi, Lacan, Winnicott e Foucault, cujas contribuições teóricas possibilitam compreender diferentes aspectos da constituição do sujeito, da técnica psicanalítica e das relações afetivas no campo clínico. Foram utilizadas como palavras-chave as expressões “amizade e psicanálise”, “laço social”, “Ferenczi”, “ética do cuidado” e “alteridade”, de modo a garantir o levantamento de produções teóricas e empíricas pertinentes ao objeto de estudo.

A seguir, serão apresentados as discussões e resultados, a partir do desenvolvimento dos aspectos teóricos mais importantes relacionados ao tema.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da revisão de literatura realizada, três principais tópicos serão discutidos. Na primeira parte, conceitos fundamentais da psicanálise serão abordados, a saber: a constituição do ser humano e da sua subjetividade, a castração, a falta, o desejo, a sublimação e o laço social, com o intuito de explorar como o tema da amizade está entrelaçada à nossa constituição enquanto seres sociais, faltantes e no nosso viver em sociedade. Na segunda parte, será discutida a amizade no contexto contemporâneo, atravessado por um cenário de individualização e esvaziamento dos vínculos sociais. Na última parte, será abordado o papel da amizade como prática e técnica de manejo na clínica. Para isso será utilizado Ferenczi e sua conceituação da

amizade, enquanto experiência de confiança, reconhecimento e presença, que favorece a elaboração de vivências dolorosas e o enfrentamento do sofrimento psíquico.

5.1 Principais conceitos relacionados ao tema e seus autores

A psicanálise, abordagem teórica que baseia o trabalho, é um amplo e denso sistema teórico constituído a partir dos postulados de Sigmund Freud (1856-1939), seu fundador, no final do século XIX. Freud era judeu, e viveu a maior parte de sua vida em Viena, local onde desenvolveu sua vasta proposição teórica (Roudinesco, 2016).

Apesar de Freud ter estabelecido uma ampla teoria, segundo Oliveira (2017), Gouveia (2020) e Gondar (2014), na visão psicanalítica, a temática da amizade ainda é relativamente pouco explorada, contudo, a afinidade entre psicanálise e amizade se presentifica no próprio desenvolvimento teórico do campo (Oliveira, 2017). Gondar (2014) faz uma provocação interessante acerca dessa questão, apontando que a própria psicanálise nasce sob o signo da amizade, visto que foi justamente a partir das trocas que Freud estabeleceu com seus pares, amigos próximos à época, que possibilitou o desenvolvimento de sua teoria, tanto no plano teórico quanto clínico e institucional, dando como exemplo a relação do próprio Freud com o pastor protestante suíço Oskar Pfister (1873-1956), um grande amigo apesar de suas visões contrastantes. A amizade entre eles durou cerca de 30 anos e foi marcada por uma intensa troca de correspondências e visitas, sendo Pfister um dos poucos seguidores de Freud a manter uma ligação pessoal duradoura com ele.

Pode-se concluir a partir dessas informações, que se não existissem as relações de amizade possivelmente a própria psicanálise também não teria se constituído como tal, o que fortalece a escolha pela exploração desta temática.

Sendo assim, para que se possa compreender qual a relação da amizade com a falta, é imprescindível a discussão de alguns conceitos fundamentais da psicanálise, a começar pela constituição da subjetividade, discutidas por Freud e Lacan.

5.1.1 Constituição da Subjetividade

Para que se possa compreender como se constituem as relações de amizade e sua importância na vida dos sujeitos, se faz necessário entender como o ser humano se constitui em sua subjetividade. Para isso, serão utilizadas teorias de dois autores, Freud e Jacques-Lacan, já citados, e Nasio, autor contemporâneo.

5.1.1.1 Em Sigmund Freud

Segundo Freud (1905/1996), a constituição da subjetividade se dá através da relação com o outro, caracterizando o ser humano como um ser social, que depende de um outro para se desenvolver em sua potencialidade. Dentro da teoria de Freud, esse processo se estrutura a partir do desenvolvimento psicosssexual do bebê e da criança, por meio das experiências pulsionais nas fases do desenvolvimento psicosssexual, que tem como função organizar as zonas erógenas predominantes em cada etapa e as formas de prazer associadas. Essas fases são fundamentais para a formação do desejo, da identidade e para a estruturação do inconsciente, sendo estruturante da vida psíquica do sujeito.

Segundo o autor (1905/1996), os sujeitos se desenvolvem através de cinco estágios, cada um centrado em uma zona erógena específica no corpo. Esses estágios são:

- Estágio oral, onde o prazer é centrado na boca e as atividades como a amamentação e a sucção são as principais fontes de prazer.
- Estágio anal, onde o prazer é derivado das experiências de retenção e expulsão das fezes e da urina, marcando o início do controle sobre os processos corporais.
- Estágio fálico, no qual o foco do prazer muda para os órgãos genitais. Nesta fase, surge um processo fundamental na constituição do sujeito, o Complexo de Édipo, considerado por Nasio (2007) o mais crucial dos conceitos psicanalíticos. Segundo o autor, trata-se de uma experiência vivida por uma criança de aproximadamente quatro anos que possui e é possuída por um desejo incontrolável e uma busca por satisfação, e precisa aprender a limitar seus impulsos e ajustá-los aos limites do seu corpo imaturo, da sua consciência nascente, do medo e de uma Lei tácita que lhe ordena que não tome seus pais por objetos de suas demandas pulsionais. O essencial dessa experiência de

crise é ensinar a canalizar esse desejo intenso, possibilitando à criança aprender a viver em sociedade, inserindo-se simbolicamente na cultura. Násio (2007) aponta que essa passagem do desejo selvagem para um desejo socializado envolve uma dolorosa aceitação de que nenhum desejo humano será plenamente satisfeito, e essa marca estrutural se registra no inconsciente, perdurando como uma fantasia que moldará a identidade sexual, diversos traços da personalidade e a capacidade de lidar com conflitos afetivos. Além disso, o autor observa que o Édipo pode ser entendido como um mito, por representar alegoricamente a tensão entre as forças do desejo e as forças civilizatórias que se lhe opõem, gerando como desfecho um compromisso psíquico expresso no pudor e na intimidade, aspectos fundamentais para a construção dos laços sociais, como a amizade. A partir do declínio e resolução do Complexo de Édipo, surge como herança um novo movimento psíquico, o Supereu, sendo uma das três instâncias da estrutura psíquica proposta na segunda tópica da teoria psicanalítica postulada por Freud (1923/1996) em sua obra "O Ego e o Id". Essa instância representa a internalização das normas, valores e ideais, onde a criança aceita a autoridade do pai e posteriormente da sociedade, internalizando a lei através da dissolução do Complexo de Édipo pela castração.

- Estágio de latência, período de calmaria sexual no qual os interesses sexuais são transformados (sublimados) em atividades sociais e de aprendizado.
- Estágio genital, no qual os impulsos sexuais ressurgem e são direcionados para relações maduras.

É a partir da maneira como o sujeito atravessa essas fases, reprime, sublima ou fixa certas experiências que a subjetividade se formará parcialmente.

Por fim, é importante salientar que é durante o complexo de Édipo, na fase fálica, que ocorre um momento crucial da subjetivação: a criança se reconhece como separada de seu principal provedor de cuidados, internaliza a lei (a função paterna) e se insere na ordem simbólica, firmando em definitivo o laço social e o processo de castração.

5.1.1.2 Em Jacques Lacan

Para Lacan (1964/1985), a subjetividade não se constitui primordialmente a partir da cronologia das fases libidinais, como em Freud, mas sim pela entrada do sujeito na ordem simbólica, ou seja, no campo da linguagem, que é pré-existente a ele e o atravessa desde o início, já que o sujeito primeiramente é falado e significado antes de existir e de tornar-se sujeito, como nos informa uma das conhecidas frases do autor: “Antes de nascer, o sujeito está já determinado no discurso do Outro”. (1964/1985, p. 155). Pode-se tomar como exemplo o nome dado a um sujeito, que, antes desse novo ser existir no mundo, já é falado por seus pais.

Para o autor (1949/1998), a primeira etapa desse processo é chamada de Estádio do Espelho, e se dá no campo do imaginário, no qual o bebê, entre seis e dezoito meses, se reconhece no espelho e identifica-se com a imagem refletida, formando seu “eu” (moi) como uma totalidade imaginária, ainda que sua vivência corporal seja fragmentada. Esse “eu” é uma alienação imaginária, pois é formado a partir de uma imagem externa e ilusória de completude. É uma etapa posicionada entre a fase do autoerotismo e o amor de objeto, podendo ser caracterizado como o ato psíquico que inicia o narcisismo, processo de formação do eu. Esse estágio pode ser compreendido como uma identificação, sendo uma transformação que ocorre no sujeito quando ele assume uma imagem.

A segunda etapa desse processo se dá a partir da entrada no campo simbólico (linguagem, lei, cultura), e acontece por meio da função paterna, que introduz a castração simbólica, isto é, a interdição ao gozo pleno com o principal provedor de cuidados, inscrevendo o sujeito na ordem da cultura (Lacan, 1956-1957/1995). Para Lacan (1957-1958/1999), a castração simboliza a perda de um objeto primordial (gozo) e instala a falta, condição do desejo.

Ainda na teorização desta segunda etapa, o autor, ao tratar da identificação em seu Seminário 9 (1961-1962/2003), introduz o conceito de traço unário como elemento fundamental da constituição subjetiva. O traço unário é aquilo que inaugura a possibilidade da diferença e, portanto, do significante. Ele funciona como um marco inaugural, uma inscrição mínima que, ao designar uma marca sem qualidade — um simples traço —, torna possível distinguir um ser de outro e, assim, inaugurar o campo simbólico. Conforme destacam Pinto e Teixeira (2015), o traço unário é o suporte da diferença significante: é por ele que o sujeito se reconhece como distinto, mas também como dependente da alteridade para existir. Tal marca primeira, ao mesmo tempo

simbólica e real, não representa uma imagem ou conteúdo, mas o registro de um corte, o sinal de que algo se perdeu para que o sujeito pudesse ser nomeado e se inscrever na linguagem.

Nesse sentido, o processo de identificação não corresponde, em Lacan, à unificação imaginária, mas à inscrição simbólica de uma diferença. Identificar-se é, antes de tudo, inscrever-se como faltante, reconhecendo-se através de um traço que o Outro imprime e que funda a serialidade dos significantes. O traço unário, enquanto operador simbólico, permite que o sujeito repita e acumule marcas que sustentam a continuidade de seu ser, mas que nunca o completam. Ele é, portanto, o ponto de ancoragem da subjetividade, suporte da diferença e da alteridade que atravessam a experiência humana. Por meio dele, o sujeito se constitui não como unidade plena, mas como série de traços, ecos do primeiro corte que o separa e o faz desejante, que, em continuação, será abordado teoricamente.

5.1.2 Castração, falta e desejo

A castração, conceito central na teoria psicanalítica, é considerada uma experiência universal que marca o desenvolvimento psicosssexual dos sujeitos (Freud, 1924/1996). Freud (1924/1996) afirma que o complexo de Édipo termina com a ameaça ou a aceitação da castração, essencial para o ingresso na cultura e na diferenciação sexual.

Freud (1908/1996) descreveu a castração como um sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos. O complexo de castração só existe devido à importância dada ao órgão genital masculino, assim como a teoria de sua posse universal. Ele se inicia devido às ameaças sofridas pelo menino por ter seu órgão cortado.

Lacan (1956-1957/1995) apresenta o complexo de castração como uma operação simbólica articulada ao Complexo de Édipo, fundamental para a constituição da estrutura subjetiva. O autor (1957-1958/1999) reforça a função simbólica da castração e o papel do falo como significante da falta. O pênis, aqui, não é o objeto da castração, mas o significante da falta no Outro, sendo o eixo organizador da diferença sexual e do desejo.

O autor formula que “A castração é a operação pela qual o sujeito é introduzido na ordem simbólica pela mediação do Nome-do-Pai.” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 191), de forma que ela não é uma perda real, mas uma renúncia simbólica ao gozo mediada pela função paterna, que introduz o sujeito na ordem simbólica e na Lei do desejo. Nesse sentido, Lacan reinterpreta o Édipo freudiano não como um drama familiar, mas como uma estrutura simbólica que regula o desejo.

O autor (1957-1958/1999) explora como a castração e a falta são fundamentais para a estrutura do desejo humano, destacando que a castração simboliza a perda primordial que gera o desejo, de forma que a falta funciona como o motor que move o sujeito em direção ao *objeto a*, entendido como a causa do desejo, e que designa um objeto que nunca pode ser plenamente recuperado ou satisfeito, representando a ausência de um objeto primordial de desejo. Lacan (1962-1963/2005) desenvolve mais profundamente o conceito de *objeto a*, definindo-o como resto da operação de castração, isto é, aquilo que escapa à simbolização, mas causa o desejo, sendo a marca da falta estrutural e o elemento que mantém o sujeito desejante.

Lacan (1964/1985) também postula que “o desejo é o desejo do Outro”, significando que ele é sempre mediado pela alteridade e pelo desejo do outro. O desejo, nesse contexto, é entendido como a força motriz que impulsiona o comportamento humano, levando o sujeito a tentar preencher a falta herdada pela castração. No entanto, essa falta é permanente, já que o *objeto a* é por definição inalcançável.

Nesse sentido, é seguro assumir que a castração possibilita a inscrição da falta, do “não”, da instalação do desejo como objeto da função do Nome-do-Pai, de forma que novos caminhos possam ser percebidos e novos sentimentos experimentados, possibilitando a própria manifestação do desejo.

Freud (1923/2007) abordou a falta no contexto da castração e do desejo insatisfeito, através da internalização das proibições e normas parentais que estão intimamente ligadas ao medo da castração, ou seja, do medo da perda e do vazio que se segue. Nesse sentido, é justamente a dinâmica de perda (castração) que instaura a falta como constituinte do desejo humano e a subsequente busca por substitutos, sendo a castração a própria possibilidade de existência do desejo.

Segundo Nasio (1989), o complexo de castração é uma etapa na evolução da sexualidade infantil, sendo uma experiência inconsciente e incessantemente renovada

ao longo de toda a existência. Ele se refere à vivência psíquica da perda (real ou simbólica) de um objeto corporal ou de gozo, que marca profundamente a constituição do desejo, da identidade sexual e da entrada do sujeito na cultura, e que possibilita ao sujeito, na dissolução desse complexo, ir em busca de outros objetos de amor.

Todo esse processo acontece inicialmente na família e, posteriormente, no meio social, a partir dos processos de socialização da criança. Essa instância posterior à castração – a falta –, e reforçada pelo campo social, pode ser considerada mantenedora do sentimento angustiante do vazio, elucidado por Freud (1930/1996), o qual descreveu essa angústia social em sua obra "Mal-estar na civilização", onde justifica que o mal-estar que assola o ser social muitas vezes advém de uma renúncia à prazeres e satisfações pulsionais, em prol da convivência social e permanência da espécie.

Aprofundando sua teoria, Lacan, no seminário 4 (1956-1957/1995) em que fala sobre a relação de objeto, aborda as três formas da falta de objeto, já referindo-se aqui à castração como uma dessas modalidades, abordando também a frustração e a privação. O autor explica que a privação, em sua natureza de falta, é essencialmente uma falta real, "É um furo" (1956-1957/1995 p. 36). Já a frustração é entendida como um dano, uma lesão, um prejuízo, contudo um prejuízo imaginário. Ela diz respeito a algo desejado e não obtido, mas que é desejado sem nenhuma referência a qualquer possibilidade de satisfação nem de aquisição. "É o domínio das exigências desenfreadas e sem lei" (1956-1957/1995 p. 36). Sendo assim, é no plano imaginário que a frustração se situa. Por fim, a castração, situada na categoria da dívida simbólica.

Nesse contexto, Lacan passa a analisar o estatuto do objeto faltante em cada uma das três formas de falta, estabelecendo a seguinte correspondência: na castração, o objeto que falta é de natureza imaginária, pois remete à imagem interditada pelo Outro, marcada pelo advento da lei simbólica que regula o desejo. Na frustração, embora esta se situe no plano do imaginário, o objeto em falta é real, uma vez que se trata de algo cuja ausência é sentida concretamente, ainda que idealizada. Por fim, na privação, o objeto em falta é simbólico, pois sua ausência no real é reconhecida como tal somente a partir da estruturação simbólica. Ou seja, é a lei e, portanto, a linguagem que define o que "deveria" estar presente e, ao não estar, institui a falta como tal.

A partir da trajetória percorrida até aqui, podemos refletir sobre como a amizade pode ser um objeto privilegiado como suporte para a experiência universal da falta, que pode manifestar-se de diferentes maneiras e em diferentes planos, oferecendo ao sujeito subsídio para lidar com a experiência no plano da realidade.

5.1.3 Sublimação e amizade

Para Freud (1923/2007), a sublimação é um mecanismo de defesa, sendo uma forma de lidar com as exigências do *isso* e do *supereu*, direcionando a pulsão para atividades socialmente aceitas, valorizadas e criativas, como o trabalho, a arte, a ciência e os vínculos humanos. Neste sentido, a sublimação estaria referida a uma mudança nos objetivos desta pulsão, que abandonaria seus objetos originais, de ordem sexual, para se ligar a outras metas, estas não-sexuais e socialmente valorizadas (Laplanche, 2001). Essa modificação é possibilitada pela inibição da meta pulsional, a qual vai gerar tanto relações como a de amizade quanto a de ternura nas relações familiares, configurando uma sublimação, quando acompanhada da troca dessa meta sexual para um objeto aceito, valorizado socialmente e dessexualizado (Gondor, 2014).

Mediante a utilização do mecanismo de sublimação, o *eu*, em vez de recorrer ao recalçamento da pulsão sexual, procura derivá-la em uma direção diferente da original, adquirindo uma maior complexidade e criando novos níveis de satisfação, os quais assumem as características da cultura (Gondar, 2014).

Freud (1930/1996) menciona que a amizade é a porção não-genital do amor, que vai compor também o caráter, sendo, contudo, um vínculo amoroso que não sofre as exigências e limitações que a civilização impõe ao amor genital, tais como a exclusividade e a possessividade como pressupõe a genitalidade libidinosa, e, por permitir multiplicidade sem culpa, ao contrário do amor sexual, pressupõe empatia, condescendência e proximidade. Apesar de quase cem anos nos afastar desse momento histórico abordado pelo autor, na contemporaneidade, a normativa monogâmica segue baseada nos mesmos pressupostos do século XIX, prevendo exclusividade e possessividade no âmbito das relações sexoafetivas.

As relações amorosas, valorizadas e idealizadas por sua capacidade efêmera de completude geram, inevitavelmente, seu esvaziamento pela quebra da idealização,

e encontro inevitável com a incompletude. Em contraponto as relações de amizade, baseadas num plano agonístico e de alteridade, que favorecem a sublimação.

Para Ferenczi, a amizade constitui um ideal ético de relação humana que ultrapassa o domínio da técnica e da teoria. Mais do que um afeto espontâneo, ela expressa a possibilidade de encontro entre dois sujeitos marcados pela vulnerabilidade e pela necessidade de confiança. Como destaca Oliveira (2012), a amizade, em Ferenczi, é uma forma de abertura ao outro fundada na honestidade, na ternura e no reconhecimento mútuo das fragilidades humanas. Nessa direção, Oliveira (2025) observa que Ferenczi concebia a amizade como uma disposição anímica que se opõe à indiferença e ao poder, representando uma alternativa simbólica à solidão e ao isolamento narcísico. Trata-se, portanto, de uma ética da reciprocidade, em que o cuidado com o outro não é imposição moral, mas expressão natural da sensibilidade e da empatia humana.

Para Lacan (1959-60/1997), a amizade pode ser pensada a partir da reelaboração do conceito de sublimação, compreendido pelo autor como a elevação de um objeto à dignidade da Coisa (das Ding), ou seja, o objeto que representa aquilo que é estruturalmente perdido para o sujeito, o *objeto a*. Sendo assim, a amizade considerada um mecanismo de sublimação, pode-se aprendê-la como um tipo de relação em que o sujeito encontra um modo de se aproximar desse objeto ausente (a Coisa), sem tentar possuí-lo, respeitando o espaço do outro e sua alteridade.

Winnicott (1954-1970 apud Gonçalves, 2005) propõe que a amizade é construída com elementos da porção não-sexual da natureza humana, esclarecendo que não são as pulsões do *isso* que contribuem para sua constituição, mas os aspectos maturacionais do *eu*, propondo que uma relação de amizade pode propiciar ao *eu* uma experiência plena de liberdade e inventividade renovadas. O autor refere-se a essa experiência como “orgiástica”, esclarecendo tratar-se de um orgasmo do *eu* e não do *isso* nesses círculos de amizade. Vai ainda mais longe (1954-1955) ao atribuir a amizade como contendo valor no tocante às suas possibilidades curativas na recuperação até mesmo dos psicóticos, o que reforça a possibilidade da amizade ser um objeto capaz de ocupar o lugar de *objeto a* no âmbito da falha na inscrição do nome-do-pai, significante da interdição.

Nesse sentido, a maturação egóica favorece o surgimento e a expansão das relações de amizade, mergulhando o ser humano “nos mananciais do concernimento

e da consideração pelo objeto” (Gonçalves, 2005, p. 155). Segundo a mesma autora (2005, p.155-156), “Os amigos são como objetos ancoradouros de nós mesmos, sendo porto ao qual retornamos muitas vezes, para reabastecer nossas referências identitárias”.

Segundo Gouveia (2020), a amizade representa uma das formas de amor em que predomina, acima de tudo, os vínculos de ternura que criam laços, singulares e sólidos, entre os seres humanos. Também destaca que ela é uma transferência positiva, uma relação simétrica, na qual alguém me escolhe “sem me fazer seu”. Considera a amizade uma relação comprometida com a verdade, com a franqueza, a crítica e o dever moral, ao invés da falsidade, da persuasão e da adulação, não existindo relação de poder, de forma que não há submissão de um ao outro.

Segundo Gonçalves (2005), como Eros busca por aglutinações cada vez maiores e mais complexas, a amizade que vem no seu bojo é importante no processo civilizatório, efeito da hominização e das necessidades interacionais. Ela figura, no entender da autora, no leque das mais importantes produções da cultura, comparada às artes, à ciência, à justiça, ao direito e à ordem política, consistindo em uma das mais refinadas e admiráveis realizações humanas.

Constata-se que entre amigos, pode-se viver uma relação arrebatadora, porém, sem ser ameaçadora e disruptiva, porque é emoldurada e contida pelo contexto da ternura, do respeito e da consideração (Gonçalves, 2005).

A amizade promove um espaço ético de reconhecimento e respeito do outro como diferente, que dispensa a fusão e a apropriação, sendo um traço essencial da sublimação, já que o desejo se desloca do gozo imediato para um vínculo simbólico e humanizante (Vedovato, 2017).

Considerando o que foi abordado pelos autores, pode-se concluir que as relações de amizade são vistas como derivadas da renúncia pulsional e da instauração da lei, em que a energia libidinal se mantém investida no outro, sustentada pela admiração, pelo cuidado e pelo investimento afetivo, mas sem a busca direta de satisfação sexual, constituindo um vínculo sublimado e considerado um objeto fundamental para o sujeito e para sua permanência no pacto civilizatório (Freud, 1913-1914/1996).

Dando continuidade à construção que vem sendo realizada no presente trabalho, a seguir, será abordada a amizade como laço social.

5.1.4 Amizade como Laço social

Como abordado anteriormente, Freud (1905/1996), propôs que no desenvolvimento da subjetividade, no final do complexo de Édipo, a criança deve ter firmado o pacto social.

Em "Totem e Tabu", Freud (1913-1914/1996) aborda a origem dos vínculos sociais, ou do pacto social, a partir da narrativa mitológica do assassinato do pai primordial. Esse ato gera um sentimento de culpa entre os irmãos, que os leva a formar um pacto civilizatório, estabelecendo leis que proíbem o incesto e o parricídio. Esse pacto é o alicerce dos laços sociais e da possibilidade de constituição do sujeito, a partir do momento em que este abdica de seus instintos e da satisfação plena de seus desejos e aceita as leis e regras criadas pelo grupo e que vieram antes de sua existência nesse mundo.

A partir da teoria de Lacan, é possível pensar a amizade como um laço social estruturado no campo do simbólico. Diferente de uma concepção romântica ou utilitária da amizade, a psicanálise lacaniana propõe uma compreensão mais complexa e sutil, que se apoia nos conceitos de linguagem, desejo, falta e alteridade (Lacan, 1959-1960/1997; 1964/1985).

Lacan propõe uma ética do desejo que se funda na fidelidade do sujeito ao que o singulariza, isto é, em não ceder de seu desejo, sem buscar a ilusão de completude que apaga a falta constitutiva (Lacan, 1959-1960/1997). Essa ética recusa a moral do bem e sustenta o desejo como motor da existência e da relação com o outro. Aplicada à amizade, ela implica reconhecer e respeitar o desejo do outro em sua diferença, sem tentar completá-lo ou torná-lo semelhante. A amizade, nesse sentido, torna-se um laço ético, um espaço de presença e escuta em que a alteridade é preservada e o vínculo se constrói na aceitação do que falta, não na promessa de suprimento (Lacan, 1959-1960/1997; Gondar, 2014).

Lacan estruturou uma nova teoria para tratar dos laços sociais, a teoria dos quatro discursos, em que o discurso passa a designar estruturas ou formas de laço social que subsistem para além da palavra, organizando relações relativamente estáveis entre sujeito, saber e gozo (Drummond, 2020). Trata-se de quatro estruturas discursivas — do mestre, da universidade, da histórica e do analista — formadas pela combinação de quatro termos (S1, S2, \$, a) em quatro lugares fixos (agente, outro,

verdade e produção), que determinam lugares simbólicos e aparelham o gozo, funcionando como matrizes fundamentais dos modos de enlaçamento social (Drummond, 2020).

Esses discursos, articulados a partir do Seminário 17 de Lacan (1969-70), expressam não apenas relações individuais, mas formas estruturais de funcionamento social que delimitam possibilidades e impossibilidades de posicionamento subjetivo, especialmente no campo clínico, onde o discurso do analista se destaca ao sustentar a posição ética da escuta e da causa do desejo (Bueno, 2015).

Lacan também aponta, em 1972, para o surgimento de um deslizamento discursivo que ele denominou discurso capitalista, uma inversão formal do discurso do mestre, no qual a circulação simbólica se fecha e o sujeito (\$) se torna diretamente capturado pela lógica do *objeto a* como mais-de-gozar, operando numa dinâmica de consumo incessante, sem mediação pelo Outro. Diferentemente dos demais discursos, o discurso capitalista não cria laço social, o esfacela: ele promove isolamento, exacerba a lógica individualista e alimenta a fantasia de satisfação ilimitada, conformando subjetividades marcadas pelo esvaziamento simbólico e pelo imperativo da performance (Bueno, 2015).

Considerando o que foi apresentado acerca do laço social e o modo de funcionamento da sociedade na contemporaneidade, a seguir, será abordado a importância da amizade como fator protetivo e como forma de resistir aos processos em curso, tendo como principal referência Michel Foucault (1926-1984), filósofo, historiador, teórico social e crítico literário francês, amplamente reconhecido por suas análises sobre poder, saber e subjetividade.

5.2 O papel da amizade como fator protetivo e como resistência ao sistema capitalista neoliberal

A sociedade contemporânea é marcada por um modelo de racionalidade neoliberal, no qual os sujeitos são convocados a administrar suas vidas como empresas, produzindo incessantemente, sendo eficientes e autônomos. Esse imperativo de gestão de si impõe uma subjetividade moldada pela lógica da produtividade, da competitividade e do desempenho, que se articula a uma forma de poder que incide diretamente sobre a vida: o biopoder. Tal configuração não apenas atravessa as esferas econômicas e políticas, mas invade o campo do desejo, das

emoções e das relações interpessoais, criando um modo de existência solitário e vulnerável (Pellizzaro, 2015).

O biopoder, conceito abordado por Foucault, apontado na obra de Pellizzaro (2015), atua por meio de técnicas de normalização que visam governar a vida e produzir sujeitos úteis e obedientes. Diferente das formas tradicionais de dominação centradas na violência física, o biopoder opera no registro da regulação da vida, tornando os indivíduos sujeitos a partir de práticas de sujeição e controle (Pellizzaro, 2015). Ainda de acordo com o autor, essa racionalidade se manifesta através de um processo de individualização, em que o sujeito é isolado de seus laços coletivos e afetivos, tornando-se responsável exclusivo por seu sucesso ou fracasso. Nesse contexto, a amizade, compreendida como prática relacional e ética, emerge como um importante contraponto.

A amizade, como compreendida por Foucault e articulada por Cardoso Jr e Naldinho (2009), ultrapassa os vínculos afetivos tradicionais e se configura como uma forma de vida capaz de resistir aos dispositivos de normalização. Em sua perspectiva, ela representa uma maneira singular de relação, que não se submete aos modelos institucionais e que se funda na liberdade, no cuidado e na produção de novas formas de subjetividade. A amizade, nesse sentido, torna-se um campo fértil para a criação de modos de vida diferentes e singulares, pois propicia a emergência de relações que escapam às lógicas de controle e previsibilidade que o biopoder tenta impor (Cardoso Jr.; Naldinho, 2009).

O conceito de cuidado de si, elucidado pelos autores (2009) a partir de Foucault, remete a um exercício ético em que o sujeito se constitui através de práticas que produzem liberdade e inventividade diante dos modos de sujeição impostos pelo poder. Esse cuidado não se reduz à autopreservação ou ao autocentramento, mas implica uma relação ativa com a própria existência, orientada por um compromisso com a transformação de si e com a criação de modos de vida singulares. Na amizade, esse cuidado de si se realiza na medida em que ela possibilita relações baseadas na alteridade, na escuta e na liberdade mútua, tornando-se um espaço privilegiado para a produção de subjetividades que resistem à normalização neoliberal (Cardoso Jr.; Naldinho, 2009).

Segundo Pellizzaro (2015), a amizade pode ser compreendida como um espaço ético de relação, onde o poder é exercido de maneira não repressiva, mas

estimulante, favorecendo o cuidado de si e do outro. Trata-se de uma forma de poder que se diferencia da violência porque não impõe, mas convoca o outro à liberdade. A diferença entre poder e violência, nesse caso, torna-se central para pensar a amizade como um lugar de resistência: enquanto a violência destrói a alteridade, o poder ético a preserva e a valoriza. A amizade, ao propiciar esse tipo de relação, revela-se como a melhor forma de exercício do poder no campo das relações humanas.

O biopoder também se articula à estrutura das instituições sociais, que reduzem a diversidade relacional a modelos normatizados. Conforme trabalhado por Cardoso Jr. e Naldinho (2009, p.45), para Foucault, vivemos em um "mundo relacional empobrecido pelas instituições", no qual a diversidade de vínculos é restringida para que o gerenciamento da vida seja mais eficaz. A amizade, nesse contexto, aparece como forma de resistência criativa, pois escapa à lógica da funcionalidade e da previsibilidade, permitindo a criação de relações que não se submetem aos moldes impostos pela cultura neoliberal.

Foucault também sugeriu, como expõe os autores (2009), que a problemática da homossexualidade poderia ser pensada a partir da problemática da amizade, na medida em que ambas desafiam os arranjos normativos das relações afetivas e sexuais. Ao propor que os homens inventem, a partir de suas relações, novas formas de vínculo que escapem aos modelos familiares e conjugais tradicionais, Foucault desloca o foco da identidade sexual para a experimentação de outras formas de vida em comum. A homossexualidade, nesse sentido, não se reduz a uma orientação sexual, mas aparece como uma possibilidade de reinvenção da amizade, tornando-a uma prática crítica frente às formas institucionalizadas de afeto e convivência (Cardoso Jr.; Naldinho, 2009).

A esse respeito, Gomes e Silva Jr. (2019) observam que, sobretudo entre sujeitos das classes populares, a amizade desempenha um papel central na constituição de redes de apoio e solidariedade, revelando-se como estratégia de enfrentamento das condições opressoras e exploratórias impostas pelo capitalismo. Ainda de acordo com os autores (2019), trata-se de uma resistência silenciosa, mas efetiva, que se realiza no cotidiano, através de gestos de cuidado, escuta e acolhimento. A amizade, portanto, tem potência política, na medida em que sustenta modos de vida que desafiam a lógica do isolamento e da concorrência neoliberal.

É nesse sentido que Cardoso Jr e Naldinho (2009), exploram as proposições de Foucault sobre uma ética da amizade vinculada à estética da existência, ou seja, à possibilidade de cada sujeito inventar, com os outros, modos de vida que não estejam aprisionados aos dispositivos normativos. A amizade torna-se, assim, um campo de experimentação e de criação de subjetividades dissidentes, que não se reduzem à identidade, mas que se constituem em relação (Cardoso Jr.; Naldinho, 2009). A amizade como resistência não se resume à oposição direta às instituições, mas se realiza na invenção contínua de relações afetivas, culturais e políticas que escapam à captura neoliberal.

A relação entre amizade e resistência também pode ser pensada a partir da noção de cuidado de si. Foucault, trabalhado por Cardoso Jr e Naldinho (2009), destaca que o ponto primeiro e último de resistência ao poder político está na relação de si para consigo. Assim, cultivar amizades implica também em cultivar práticas de liberdade, que se voltam contra o governo da individualização e da normalização. A amizade aparece, então, como um exercício ético-político que não apenas protege contra os efeitos devastadores do neoliberalismo, mas que também promove a criação de novas formas de existência mais solidárias e plurais.

Contudo, para compreender a profundidade do esgarçamento dos laços de amizade na contemporaneidade, é importante analisar as transformações sociais que fragilizam a constituição de vínculos duradouros. Zygmunt Bauman (1925-2017), em sua obra "Amor Líquido" (2004), descreve a fluidez e a precariedade das relações humanas na modernidade líquida. Para ele, os laços são tratados como conexões que podem ser facilmente estabelecidas e desconectadas, refletindo um temor fundamental à dependência e ao compromisso. Essa lógica atinge em cheio a amizade, que se vê reduzida, muitas vezes, a uma rede de contatos utilitários e descartáveis, onde o "capital social" prevalece sobre a confiança e a mutualidade. Bauman (2004, p. 12) adverte que "os laços humanos são tratados como coisas que se pode 'conectar' e 'desconectar' à vontade, e refeitos sob demanda", o que esvazia a dimensão de profundidade temporal e investimento afetivo necessário para que uma amizade genuína se constitua. Nesse contexto, a amizade perde sua função de suporte simbólico frente à falta, tornando-se mais uma fonte de ansiedade e desempenho social.

De modo complementar, Richard Sennett, em “A Corrosão do Caráter” (1999), analisa as consequências psíquicas do novo capitalismo, marcado pela flexibilidade, pelo curto prazo e pela ausência de narrativas lineares de vida. O autor argumenta que esse regime econômico corrói os traços de caráter que dependem da lealdade, da confiança mútua e do compromisso a longo prazo – elementos fundantes da amizade. Sennett (1999, p. 30) afirma que “o regime de flexibilidade impõe um curto-prazo na experiência social e na construção da personalidade, dificultando a narrativa coerente de uma vida e, por consequência, a manutenção de amizades duradouras”. Ainda de acordo com Sennett (1999), a instabilidade profissional e a exigência de mobilidade constante impedem a sedimentação de laços comunitários e o cultivo de amizades profundas, que requerem tempo, presença e continuidade. O sujeito contemporâneo, imerso nessa lógica, vê-se privado justamente do tipo de relação que poderia servir de amparo contra a angústia da falta e as exigências de desempenho.

Esse cenário de fragilização relacional não é um fenômeno neutro, ele é sustentado por uma violência simbólica que naturaliza a competição e a indiferença. Conforme observa Oliveira (2012, p. 15) em “O sentido da amizade em Ferenczi”, obra vastamente explorada no próximo tópico do presente trabalho, “a violência está naturalizada e banalizada, pois o outro deixa de ser considerado humano e passa a ser considerado objeto de competição, devido ao individualismo acentuado na contemporaneidade”. Nessa perspectiva, o outro é visto primordialmente como um rival no mercado da vida ou, na melhor das hipóteses, como um recurso a ser gerido. A amizade, para florescer como experiência ética e fator protetivo, precisa resistir a essa redução instrumental, reafirmando o valor do outro em sua alteridade irreduzível.

É neste ponto que a reflexão sobre a dimensão política da amizade, tal como apresentada por Oliveira (2012) a partir de Jacques Derrida, se torna crucial. Derrida, por sua vez, dialoga criticamente com o jurista Carl Schmitt (1888-1985), filósofo membro proeminente do partido nazista, que propunha uma filosofia política binária, fundada na distinção amigo/inimigo – “amigos nós / inimigos eles” –, onde a amizade se constitui como uma aliança de iguais contra os diferentes, aqueles que ameaçam a integridade do grupo. Trata-se de um ideal excludente e beligerante. Derrida, em contrapartida, propõe uma desconstrução dessa lógica. Para ele, a amizade verdadeira implica uma abertura radical ao outro, à sua diferença. Significa “despolitizar a política, desconstruir os modos autoritários e binários de fazer política”

(Oliveira, 2012, p. 46). Nessa concepção, o "inimigo" schmittiano é redefinido como "todo aquele que não se submete a uma forma soberana de poder" (Oliveira, 2012, p. 48). A amizade desconstruída, portanto, é aquela que acolhe o estranho, o dissonante, recusando-se a enquadrar o outro em categorias identitárias rígidas. Ela se torna um ato político de resistência contra as lógicas totalizantes e segregacionistas.

Essa abertura ao diferente é condição para que a amizade adquira sua potência transformadora, tanto subjetiva quanto social. Recuperando a noção de "agonismo", Oliveira (2012, p. 29) destaca que "verdadeiras amizades necessitam de uma dimensão agonística". Diferente do antagonismo, que visa a destruição do adversário, o agonismo refere-se a uma relação de incitação recíproca e de luta que fortalece ambos os polos. É um embate que não busca anular a diferença, mas, pelo contrário, nutri-la. Essa dimensão só é possível "à medida que se vá decididamente ao encontro do outro –, e ser cultivada por indivíduos voltados não só para sua autotransformação, mas também para a transformação da vida social" (Ortega, 2000 apud Oliveira, 2012, p. 29). A amizade, assim, deixa de ser um refúgio no privado e se converte em um campo de experimentação de novas formas de convivência e de ação no mundo.

Todavia, a contemporaneidade parece favorecer justamente o movimento contrário: o retraimento para a esfera privada e a supervalorização das relações amorosas como solução para o mal-estar (Oliveira, 2012). A despolitização da esfera pública (submetida às dinâmicas de mercado) gera um movimento de retração dos sujeitos para o espaço privado. Nesse contexto, ocorre uma supervalorização das relações amorosas, que passam a ser investidas na expectativa de curar ou amenizar o sofrimento psíquico. Essa ênfase no amor romântico teria, em última instância, a função de evitar o encontro com a dimensão agonística inerente ao relacionamento entre sujeitos que se posicionam de maneira autônoma (Costa *apud* Oliveira, 2012).

Essa fuga para o amor romântico, enquanto promessa de completude, configura uma tentativa de evitar o conflito e a diferença inerentes ao laço agonístico. Nesse mesmo sentido, a pensadora Bell Hooks (2021) argumenta que a cultura patriarcal e consumista ensina uma ética de dominação que corrompe as relações, levando os indivíduos a buscarem no amor um antídoto mágico para o vazio existencial, contudo sem fornecer os fundamentos para uma prática amorosa verdadeiramente ética e participativa. A autora (2021) defende que o amor, longe de ser apenas uma experiência privada, deve ser compreendido como uma força política

e pública, capaz de desestabilizar as estruturas de opressão e fundar novas formas de convivência social.

Esta concepção do amor como prática ética e revolucionária contrasta radicalmente com sua apropriação pelo ideal romântico, que o reduz a uma busca privada de completude. Contudo, essa estratégia está fadada a revelar suas fissuras, pois, como aponta Oliveira (2012), essa exaltação da esfera amorosa eventualmente permite que os conflitos surjam, o que pode gerar mais esvaziamento. A amizade, por não repousar sobre a fantasia de fusão e por operar como um vínculo menos normatizado pelo discurso romântico, sustenta melhor o reconhecimento da falta e a aceitação da alteridade, posicionando-se como um antídoto mais consistente contra a solidão e o empobrecimento relacional.

A articulação entre amizade, subjetivação e política encontra em Foucault um terreno fértil, conforme trabalhado por Oliveira (2012). Interessado no processo de subjetivação, Foucault propunha a investigação das formas e modalidades da relação consigo mesmo, por meio das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito (Foucault, 1984 *apud* Oliveira, 2012). Sua investigação, partindo da premissa de um confronto permanente de forças nas relações sociais, propõe uma análise crítica e histórica como resposta necessária ao esvaziamento da esfera pública e aos fracassos dos projetos de transformação política (Oliveira, 2012).

De acordo com Oliveira (2012), Foucault compreende a amizade como uma força catalisadora do fortalecimento subjetivo, que valoriza a criatividade e a iniciativa dos sujeitos a partir de uma inserção comunitária e politicamente situada. Em sua investigação sobre os processos de subjetivação, o filósofo postulava a necessidade de examinar as formas de relação consigo mesmo pelas quais o indivíduo se constitui e se reconhece (Foucault, 1984 *apud* Oliveira, 2012). Partindo da premissa de um confronto permanente de forças nas relações sociais, sua análise identifica, face ao esvaziamento da esfera pública e aos impasses das transformações políticas, a amizade como uma via possível de resistência e fortalecimento do sujeito. Nesse contexto, contrapondo-se diretamente aos mecanismos de poder que, ao atuarem sobre os corpos, fragilizam os laços sociais e a capacidade criativa, a amizade emerge como uma experiência constitutiva que não se submete à normatização. Em vez de servir como instrumento da norma, ela se afirma como uma expressão ética e criativa, geradora de modos singulares de existência (Oliveira, 2012).

É possível identificar um ponto de convergência entre Foucault e a psicanálise na recusa de um núcleo identitário fixo, partindo ambos de uma "inconsistência ontológica do sujeito" (Oliveira, 2012, p. 70). Na perspectiva foucaultiana, a verdade articula-se a uma subjetividade produzida no cuidado de si, mediante um processo de individuação com regras orientadas por finalidades específicas. Nesse quadro, o imperativo "conhece-te a ti mesmo" cede lugar a uma dinâmica de "catarse, conversão, cultura de si" (Oliveira, apud Foucault, 2012, p. 73). Contudo, essa autoconstituição ética não é solitária, ela demanda essencialmente a presença do outro em sua diferença, que atua como colaborador indispensável na contínua reformulação de si, processo que exige abertura, escuta e afetação. É nesse contexto que Foucault concebe a amizade como uma forma de elaboração da individualidade – um processo coletivo de subjetivação no qual a busca do prazer e a responsabilidade por seus atos e pelos interesses do outro se conjugam (Oliveira, 2012).

Em suma das ideias trabalhadas no presente tópico, a amizade se consolida como um fator protetivo de dupla face: no plano subjetivo, ao oferecer um suporte simbólico para a experiência da falta, constituindo-se como um laço que não promete a completude, mas que aceita e trabalha com a incompletude; e no plano político, ao funcionar como uma trincheira de resistência à lógica individualista, competitiva e descartável do capitalismo neoliberal. Ela é um espaço de experimentação onde se pode exercitar uma ética do cuidado de si e do outro, reinventando modos de vida que valorizem a alteridade, a criatividade e o comum, em oposição ao empobrecimento relacional que caracteriza nosso tempo.

Contudo, para que a amizade realize plenamente essa potência política e protetiva, é crucial superar a armadilha do retraimento à esfera privada. Conforme aponta Oliveira (2012), o esvaziamento da esfera pública, cada vez mais reduzida a dinâmicas de mercado, consumo e eficiência, tem levado os sujeitos a um confinamento na vida privada, intensificando uma valorização exacerbada das expectativas amorosas como única via de apaziguamento do sofrimento psíquico. É precisamente contra essa restrição que se faz necessário afirmar, como destaca o mesmo autor ao recuperar Ortega (2000), que verdadeiras amizades não podem se restringir a espaços privados e despolitizados, pelo contrário, elas exigem uma dimensão agonística, marcada pelo enfrentamento das diferenças, pelo cuidado

mútuo e pelo engajamento na transformação tanto da vida pessoal quanto da vida coletiva.

Dada as ideias expostas que reafirmam a importância da amizade como cuidado, a seguir, será apresentado como o analista pode utilizar como recurso técnico da amizade dentro da clínica psicanalítica, tendo como referência os estudos apresentados por Sándor Ferenczi (1873-1933), médico e psicanalista húngaro conhecido como uma das figuras mais próximas de Freud e um dos pioneiros da matriz do desenvolvimento do movimento psicanalítico.

5.3 O papel da amizade na clínica psicanalítica

Partindo do reconhecimento de que as relações humanas não se restringem aos laços familiares, amorosos ou sociais formalizados, o presente tópico se propõe a explorar os modos como a amizade comparece como fator de sustentação psíquica, campo de elaboração simbólica e possibilidade de transformação subjetiva, articulando essas dimensões com os desafios e práticas do campo clínico.

A partir das contribuições de Sándor Ferenczi, especialmente tal como trabalhadas por Luiz Ricardo Prado de Oliveira (2012), torna-se possível compreender, questionar e repensar os fundamentos do trabalho na prática analítica, através das vastas referências abordadas na citada revisão. A escolha por privilegiar Ferenczi não é casual: trata-se de um autor que, de forma autêntica e branda, diferencia-se dentro do círculo freudiano não apenas por suas inovações técnicas, mas também pela peculiaridade de sua relação com Freud (Oliveira, 2012).

Nesse sentido, faz-se necessário elucidar a história da consolidação da psicanálise, bem como se formavam as relações entre os analistas, a fim de expor a correspondência da dimensão afetiva pessoal, com as proposições teóricas elaboradas pelos autores.

De acordo com Luz (2024), a história da consolidação da psicanálise foi marcada não apenas por avanços teóricos e clínicos, mas também por intensas relações entre Freud e os jovens analistas que orbitavam sua influência, destacado aqui Ferenczi, que foi seu analisando, aluno e amigo. A modalidade das amizades e sua percepção pessoal de cada um dos psicanalistas clássicos aqui discutido, demonstra refletir o produto da composição subjetiva e dimensão pessoal do sentido da amizade para cada um (Luz, 2024).

Pode ser irônico considerar a raridade da menção da temática da amizade nos postulados de Freud, considerando o desenvolvimento da psicanálise através das relações interpessoais dos psicanalistas que rodeavam o pai da psicanálise (Macedo, 2002). A preocupação de Freud em concretizar a psicanálise como campo conceitual, que supostamente o levou a formar laços, e rompê-los, também o auxiliou a desenvolver e concretizar conceitos, o que reafirma a relevância das relações interpessoais, também no campo acadêmico (Oliveira, 2012).

Conforme destaca Oliveira (2012), Freud reconheceu a amizade como um meio estratégico para consolidar a nascente psicanálise, aproximando-se de seus pares no intuito de servir e fortalecer seus próprios ideais. Entretanto, essa aproximação se estruturava dentro de uma modalidade de relação hierárquica, na qual Freud se firmava na posição de pai dogmático e autoridade, “se preservando de posicionar-se demasiadamente receptivo para com o outro” (Oliveira, 2012, p. 94). De acordo com o autor (2012), esse modo de relação pôde ser observado em diferentes vínculos que estabeleceu ao longo de sua trajetória, como com Jung, Rank e Groddeck, também discípulos contribuintes para a matriz da psicanálise. A amizade, nesses casos, foi atravessada por tensões, afastamentos e rupturas, revelando que, para Freud, ela se articulava de maneira subordinada ao projeto teórico e institucional da psicanálise.

Oliveira (2012) ressalta que a convivência entre analistas, nesse período inicial, era permeada por ambivalências, nas quais a admiração intelectual coexistia com rivalidades, ressentimentos e disputas de autoridade. Freud, ao privilegiar o fortalecimento da doutrina psicanalítica, mantinha um lugar de centralidade, utilizando a amizade como dispositivo estratégico, contudo sem abrir espaço para a reciprocidade ou para um agonismo produtivo entre pares. Tal configuração impactou também sua concepção de técnica: a postura de abstinência e frustração, defendida como regra técnica, reflete esse mesmo modelo hierárquico de relações interpessoais, no qual o analista deve preservar sua imagem e posição de autoridade a fim de evitar qualquer excesso de envolvimento afetivo (Oliveira, 2012).

Ainda de acordo com Oliveira (2012), Ferenczi, em contrapartida, demonstrou interesse particular nas relações de amizade dentro e fora da prática analítica, e dedicou-se à elaboração de uma técnica onde a amizade assumiu um papel deslocado do sentido postulado no campo social contemporâneo. Oliveira (2012) elucida que para o autor clássico, a amizade consistia no laço afetivo importante que era

experienciado pelos pares na clínica, e tal afeto era considerado imprescindível para a cura. Vale ressaltar que o termo cura carrega em si a “capacidade de exame analítico da posição subjetiva orientada pelo princípio da realidade” (Oliveira, 2017, p. 79).

A diferença de ênfase entre estratégia e hierarquia em Freud e agonismo e abertura mútua em Ferenczi não é apenas anedótica: ela antecipa dois regimes técnicos. No primeiro, sobressai a abstinência e a contenção afetiva como destaque de um ideal de pureza do método, um modelo equivalente à assepsia médica (Oliveira, 2017); no segundo, emerge a elasticidade técnica, de base experimental, como resposta clínica ao sofrimento real do analisando, implicando uma presença confiável e uma sinceridade que Ferenczi considera indissociável da figura do analista (Oliveira, 2012).

Em continuidade a análise comparativa, cabe agora aprofundar o sentido técnico que a amizade assume no campo clínico, especialmente a partir do proposto por Ferenczi. Através das leituras de Luiz Ricardo Prado de Oliveira (2012), é possível reconhecer que, para o autor húngaro, a amizade não se restringe a um afeto privado ou moral, mas se configura como uma disposição ética e técnica que orienta o encontro analítico. A amizade, nesse contexto, precisa ser interpretada de forma deslocada de seu sentido social, já que não corresponde a um tipo de intimidade pessoal, mas a um modo de presença que se manifesta pela disponibilidade afetiva e pela sinceridade do analista diante do sofrimento do outro (Oliveira, 2012). Trata-se, portanto, de um campo relacional que ultrapassa as fronteiras da neutralidade, instaurando uma forma de laço atravessada por confiança, empatia e coresponsabilidade.

Através da leitura e revisão de Oliveira (2012), fica nítido que Ferenczi propôs um deslocamento decisivo em relação ao modelo técnico freudiano, no qual predominavam as regras de abstinência e frustração. Se em Freud a prudência afetiva aparecia como garantia de método e salvaguarda da posição do analista, em Ferenczi a abertura afetiva e a autenticidade do encontro tornam-se elementos estruturantes da própria experiência analítica. Ainda segundo o autor (2012), essa diferença de ênfase não representa uma oposição simplista entre envolvimento e distância, mas o reconhecimento de que a escuta analítica requer uma presença que não se confunde

com a frieza do observador, e sim com a sensibilidade de quem se deixa tocar pela dor do outro sem, contudo, abdicar a função que o sustenta.

Nesse sentido, a amizade em Ferenczi pode ser compreendida como um dispositivo clínico, no qual o vínculo afetivo opera como mediador simbólico entre o analista e o analisando, que gera a possibilidade de espaço para uma comunicação mais profunda. De acordo com Ferenczi (1928/2003), tal dispositivo implica um rearranjo da técnica: a chamada elasticidade técnica introduz a possibilidade de flexibilizar a postura analítica de acordo com as necessidades singulares de cada paciente, sem com isso dissolver o enquadre ou a ética do tratamento.

De acordo com as revisões de Oliveira (2012, p. 134), Ferenczi relacionou a proposta da segunda tópica freudiana, apresentada em *O Ego e o Id* (1923), ao modo como certos analisandos tendem a mostrar maior sujeição às técnicas psicanalíticas. Isso porque, como aponta o autor (2012), o conhecimento analítico pode ser incorporado pelo paciente como um novo ideal, somando-se aos já existentes e exercendo influência sobre sua dinâmica psíquica. Oliveira (2012) enfatiza que, para Ferenczi (1924/2011), essa incorporação pode operar de forma inconsciente, dificultando que o analisando entre em contato com afetos de oposição dirigidos ao analista, afetos que, segundo o autor, são fundamentais para o processo de autonomia subjetiva. Oliveira (2012) interpreta que essa postura de excessiva conformidade não se explica apenas por padrões educativos rígidos, mas também pela formação de um Eu submetido a ideais internalizados, que podem atuar de modo opressivo. Nessa perspectiva, Oliveira (2012) observa que Ferenczi defende uma maior flexibilidade técnica a fim de evitar que o saber psicanalítico seja vivido como mais um ideal e, assim, favorecer a ampliação da autonomia do paciente.

Essa concepção mais flexível da técnica leva Ferenczi a repensar também o estatuto da transferência, compreendendo-a não apenas como repetição fixa de algo que ocorreu em algum momento, mas como possibilidade de criação de um novo espaço (Landa, 1999).

De acordo com Casadore (2012), Ferenczi deu importância à temática da transferência em sua obra “Transferência e introjeção” publicada em 1909 (1991), que foi posteriormente citada por Freud (1910 apud Casadore, 2012) em uma conferência nos Estados Unidos em teor de abono à definição proposta pelo húngaro, e até então pouco explorada teoricamente pelo pai da psicanálise. Para Ferenczi (1909/1991), a

transferência é uma forma particular de introjeção, onde se atualiza na figura do analista a repetição dos vínculos afetivos do passado, uma encenação dos conteúdos particulares do analisando.

Ferenczi (1909/1991) explica que o paciente tende a incluir o analista em seu mundo emocional, revivendo com ele antigas experiências de amor, dependência e conflito. Esse movimento inconsciente permite que afetos antes reprimidos encontrem um novo destino, sendo “neutralizados” ao serem dirigidos à pessoa do analista (Ferenczi 1909/1991, p. 89). Assim, a relação analítica torna-se o campo onde o inconsciente se manifesta de maneira viva, e onde o analisando pode, ainda que temporariamente, experimentar alívio e transformação. Ferenczi (1909/1991) demonstra, portanto, que a cura não ocorre apenas pela interpretação, mas também pela própria relação estabelecida entre paciente e analista, marcada pela transferência como experiência real e afetiva.

De acordo com Oliveira (2012), para Ferenczi a transferência configura um movimento relacional no qual paciente e analista estão igualmente implicados, participando de um mesmo circuito de afetos, identificações e comunicações inconscientes. Nesse sentido, o autor amplia a compreensão do fenômeno ao reconhecer que, na dinâmica transferencial, também se inscrevem as respostas afetivas do analista, ou seja, a contratransferência. De acordo com Casadore (2012), Ferenczi buscou compreender a transferência não apenas a partir do lugar do analisando, mas também do analista, destacando a importância da contratransferência como parte constitutiva da experiência analítica. Assim, o autor húngaro propõe que a contratransferência não deve ser entendida unicamente como um risco ao tratamento, mas como uma ferramenta valiosa no manejo clínico e na leitura das comunicações inconscientes que se estabelecem na relação analítica (Casadore, 2012).

Ao privilegiar a transferência e a contratransferência em sua prática analítica, Ferenczi se destaca do modelo freudiano, que tratou o tema apenas de modo pontual (Oliveira, 2017; Oliveira, 2012), considerou a contratransferência como interferência subjetiva e, portanto, como algo a ser resolvido pelo analista em sua própria análise. De acordo com as revisões de Oliveira (2012), para Freud, ela representava um risco à neutralidade técnica, pilar fundamental de sua proposta metodológica, devendo ser controlada e eliminada para garantir a objetividade da escuta. A esse respeito, há de

se considerar também prudente a recomendação de Freud, já que em seu contexto embrionário, a psicanálise era permeada por jovens analistas que não haviam percorrido a própria análise de forma suficiente, a fim de, como analistas, compreenderem a força das manifestações contratransferenciais (Oliveira, 2012).

Ainda assim, Freud reconhece que o inconsciente do analista entra em jogo na relação analítica, comparando-o a um “receptor telefônico” capaz de captar inconscientemente as mensagens do paciente (1912/1996, p.154). Para que essa escuta fosse eficaz, o analista deveria estar purificado por sua própria análise e manter sua normalidade psicanalítica, isto é, estabilidade emocional que impedisse interferências pessoais (Freud, 1912/1996). Não obstante a recomendação de Freud, há de se considerar a impossibilidade de qualquer garantia, em virtude de tratar-se do campo inconsciente, portanto enigmático e desconhecido (Oliveira, 2012).

Ferenczi, toma essa visão como prática clínica, longe de ser um obstáculo, ela constitui um instrumento sensível de compreensão, por meio do qual o analista apreende aspectos afetivos e simbólicos do paciente. Como afirma Ferenczi (1928/2003), o analista deve desenvolver um “tato psicológico”, entendido como a faculdade de “sentir com”, permitindo-lhe captar, a partir de suas próprias reações afetivas, as tendências inconscientes do paciente que ainda não se tornaram conscientes (1928/2003, p. 97). O analista é convocado a reconhecer o que se agita em si diante do outro, transformando esses afetos em elementos de leitura e escuta. A contratransferência, assim, deixa de ser ameaça à técnica e passa a integrar o próprio campo do trabalho analítico.

Oliveira (2012) através de Helene Deutsch³, descreve esse processo como uma forma de identificação contratransferencial que possibilita que o paciente deposite seus afetos e representações no analista, que os recebe e ressoa com eles em seu próprio inconsciente. Essa formulação é equivalente às reflexões de Ferenczi (1928/2003) sobre a comunicação entre inconscientes e sobre o papel empático do analista, cuja sensibilidade torna-se instrumento de compreensão e cuidado clínico. Essa identificação permite compreender certas experiências do analisando, não apenas interpretando-as, mas sentindo-as.

³ Psicanalista polonesa e uma das primeiras mulheres analisadas por Freud. Escreveu “Processo oculto durante análise” em 1926 (Oliveira, 2012).

Tal implicação, porém, exige elaboração contínua, pois o mesmo movimento que favorece a empatia pode levar à atuação e à perda da função analítica. Nesse sentido, o autor já antecipava a necessidade de uma “higiene particular do analista”, reconhecendo que seus investimentos oscilam entre identificação e controle intelectual e que somente o trabalho constante sobre si — sustentado por análise pessoal, supervisão e estudo teórico — pode garantir uma proximidade responsável (Ferenczi, 1928/2003, p. 105).

A amizade, nesse registro, torna-se o emblema de uma clínica fundada na confiança e na autenticidade (Oliveira, 2012). Ela permite que o analisando experimente uma nova modalidade de relação distinta daquelas que, na história de sua vida, se constituíram sob o signo da indiferença ou da violência simbólica (Ferenczi, 1932/1990). Inversamente, a análise, sustentada pela confiança, abre espaço para que fenômenos psíquicos de grande relevância clínica possam emergir, entre eles a regressão. Oliveira (2012) através de Ferenczi, compreende esse movimento não como um retrocesso patológico, mas como a possibilidade de o sujeito retornar, na segurança do vínculo analítico, a estados afetivos primitivos em busca de reparação.

Na leitura de Oliveira (2012), a transferência em Ferenczi articula simultaneamente repetição e criação: o paciente revive antigos modos de relação, mas também experimenta novas formas de vinculação quando encontra um analista capaz de acolher sua fragilidade com tato e autenticidade. A regressão, portanto, revela-se condição essencial para o trabalho de reconstrução subjetiva, pois permite que o analisando reviva simbolicamente experiências de desamparo e as reinscreva sob o signo da confiança e do cuidado, alcançando, assim, a possibilidade de um verdadeiro renascimento psíquico (Ferenczi, 1990).

Ao instaurar um espaço em que o sujeito é acolhido sem julgamento, Ferenczi aposta na possibilidade de um “novo começo” (Oliveira, 2012, p. 173), expressão usada para designar a chance de reorganização subjetiva que advém de uma experiência de confiança genuína experimentada na transferência. A amizade, portanto, não é aqui um sentimento espontâneo, mas uma forma de ética em ato: um gesto clínico de reconhecimento e cuidado, que se realiza no terreno intersubjetivo da transferência e da contratransferência, e carrega consigo potências transformadoras.

Oliveira (2012) enfatiza ainda que a sinceridade do analista não corresponde à confissão ou à exposição indiscriminada de si, mas à recusa da hipocrisia e da postura artificialmente neutra. A honestidade afetiva, nesse contexto, é condição de verdade do laço analítico. Ferenczi (1932/1990) acreditava que a rigidez técnica e a distância emocional poderiam, em muitos casos, reproduzir as feridas narcísicas e os traumas primários do analisando, impedindo que a análise se tornasse realmente reparadora. A amizade, como atitude clínica, busca justamente o oposto: oferecer um campo de confiança onde o sofrimento possa ser simbolizado e transformado.

Através da exploração de Oliveira (2012), fica claro que essa proposta técnica e ética recoloca o analista não como um observador imparcial, mas como um parceiro de percurso, longe do sentido de equivalência, mas de uma reciprocidade de função, na qual o analista, sem abdicar de sua posição, aceita implicar-se na experiência do outro. A amizade, portanto, delineia um campo de co-presença que preserva a assimetria estrutural da relação analítica, ao mesmo tempo em que introduz um horizonte de mutualidade simbólica. Oliveira (2012) através de Ferenczi mostra que é precisamente nesse entre-lugar, onde a técnica se humaniza e o afeto se regula pela ética.

Em síntese, Ferenczi transforma a contratransferência em núcleo ético e clínico do ato analítico. Ao reconhecer a comunicação entre inconscientes como parte constitutiva da relação, ele inaugura uma concepção de clínica em que a sinceridade, a empatia e a amizade operam como formas de presença e cuidado, dimensões que não necessariamente ameaçam o método, mas podem humanizá-lo.

A exploração da amizade como orientação clínica se justifica por múltiplos motivos. Ética e tecnicamente, ela tensiona os modelos clássicos de abstinência, neutralidade e distância herdados da tradição freudiana, propondo uma psicanálise atravessada pela sensibilidade, pela coragem e pelo compromisso afetivo com a dor do outro (Oliveira, 2012).

Conforme Oliveira (2012) elucida, a amizade no campo clínico não se reduz a uma relação pessoal, mas funciona como dispositivo ético capaz de sustentar o espaço da confiança e da transformação, possibilitando a construção de um “novo começo” para o analisando. Na prática, essa perspectiva amplia a compreensão da função do analista, sobretudo no trabalho com sujeitos em sofrimento, que demandam

não apenas atenção flutuante, mas presença viva, elasticidade e capacidade real de acolhimento (Oliveira, 2012).

Discutir o papel da amizade na clínica psicanalítica, portanto, não significa apenas resgatar uma figura esquecida ou secundária, mas reivindicar uma ética do cuidado que atravessa as noções de técnica, dispositivo e vínculo, trazendo contribuições imprescindíveis à clínica contemporânea.

A seguir, serão apresentadas as considerações finais do presente trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a amizade a partir da psicanálise é situá-la como um laço simbólico, ético e desejante. Não se trata de uma relação de fusão, mas de uma convivência com a falta — própria e do outro — que permite que o desejo circule sem anular a alteridade. Nesse sentido, a amizade emerge como uma das formas mais sofisticadas e potentes de laço humano, pois sustenta a incompletude e oferece um espaço relacional onde o sujeito pode se inventar diante das demandas da vida. A partir deste eixo, o presente trabalho teve como objetivo compreender o papel da amizade no enfrentamento da experiência da falta, articulando conceitos fundamentais da psicanálise com os modos contemporâneos de subjetivação.

Ao longo deste trabalho, buscou-se demonstrar que, em uma sociedade marcada pelo esvaziamento simbólico, pela aceleração neoliberal e pela captura subjetiva promovida pelo discurso capitalista, a amizade opera como um contraponto ético e clínico: ela cria brechas, suspende os imperativos da completude e do gozo, e permite que a experiência singular do desejo encontre espaço para existir. A análise teórica permitiu sustentar que a amizade pode funcionar como um fator protetivo frente ao sofrimento psíquico, ao favorecer vínculos baseados em reconhecimento, presença e cuidado, em oposição ao isolamento e à normatização das relações.

A partir da perspectiva clínica, inspirada por Ferenczi e sua proposta de uma ética do cuidado, é possível articular que o papel do psicólogo não é o de fornecer soluções prontas nem de promover adaptações normativas, mas o de sustentar a abertura ao enigma do desejo do sujeito, acolhendo suas faltas e suas invenções. A amizade, nesse contexto, ultrapassa o campo privado e adquire uma dimensão política e simbólica: ela se apresenta como resistência ao empobrecimento relacional, como espaço de criação de subjetividades e como um recurso clínico potente para

ajudar o sujeito a lidar com os desafios do sofrimento, correspondentes à noção da falta. Assim, este trabalho não apenas reafirma a importância da amizade como fator protetivo e ético, mas também a inscreve no horizonte clínico como uma ferramenta simbólica de sustento, resgate e reinvenção do laço social.

Cabe destacar que esta pesquisa se baseou em uma revisão narrativa da literatura, o que implica como limitação a ausência de investigação empírica ou de estudos de caso clínicos que pudessem aprofundar ainda mais as articulações propostas. Além disso, algumas interfaces entre amizade, clínica e políticas públicas de saúde mental poderiam ser mais exploradas, mas não foram desenvolvidas devido à escassez de material específico ou às delimitações próprias do presente trabalho.

Diante disso, considera-se que futuras pesquisas podem investigar a amizade a partir de estudos clínicos, relatos de experiência ou pesquisas qualitativas, ampliando a compreensão de seu papel na promoção da saúde mental e na sustentação dos laços sociais. Também se abre um campo fértil para refletir a amizade em articulação com práticas coletivas, dispositivos comunitários e intervenções clínicas em contextos institucionais.

Por fim, o presente trabalho reafirma a amizade como um elemento central na experiência humana, capaz de sustentar o desejo, a alteridade e a criação de novas formas de existência. Nesse sentido, a própria realização desta pesquisa e a travessia da formação acadêmica foram sustentadas pelas relações de amizade que atravessaram esse percurso, especialmente o vínculo entre as autoras, operando como suporte frente às faltas e aos impasses durante o caminho universitário e possibilitando um fazer acadêmico desejante e crítico. Ao inscrever a amizade no horizonte clínico e ético da psicanálise, evidencia-se que a própria prática psicológica se fortalece a partir do reconhecimento da importância do encontro com o outro, do cuidado compartilhado e da abertura ao que, no humano, permanece irreduzível e singular.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BRUN, D. A gramática amorosa da amizade. Rio de Janeiro: **Ágora**, 2007.
Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/agora/a/sLxKyTTjmWzRJqyQ96Sjmt/?format=html&lang=pt>.
Acesso em: 20/03/2025.
- BUENO, C.M.O. Laço social como discurso: questões sobre sua escrita. **Correio APPOA**, Porto Alegre, n. 243, v.2, mar. 2015. Disponível em:
<https://appoa.org.br/correio/imprimir/edicao=243>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- CARDOSO JR., H. R.; NALDINHO, T. C. A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 43–56, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000100004>. Acesso em: 1 jun. 2025.
- CONCEIÇÃO, V. A. S. Efeitos da castração no sujeito neurótico. **IBRAPCHS: Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica, Ciências Humanas e Sociais**, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://ibrapchs.com.br/efeitos-da-castracao-no-sujeito-neurotico/>. Acesso em: 1 maio 2025.
- COSTA, G. P. Amizade: uma visão psicanalítica. **Jornal da Brasileira**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2012.
- DRUMMOND, L. S. **O conceito de discurso em Lacan: uma genealogia**. 2020. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- FERENCZI, S. (1909). Transferência e introjeção. *In: Obras completas I*. 1. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991. p. 77-108.
- FERENCZI, S. (1924). As fantasias provocadas. *In: Obras completas III*. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011. p. 261-269
- FERENCZI, S. (1924). Thalassa: Ensaio sobre a teoria da genitalidade. *In: Obras completas III*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011. p. 277-357.
- FERENCZI, S. (1928). Elasticidade da técnica. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 25, p. 95-106, 2003.
- FERENCZI, S. (1932). **Diário clínico**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FORBES, J. Amizade é o afeto mais importante da nova era. [Entrevista concedida a] Gustavo Klein. **Medium**, 24 mar. 2017.
- FORBES, J. Amizade em tempo de risco. [Entrevista concedida a] Café Filosófico. **Espaço Cultural CPFL**, Campinas, 06 jun. 2005.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.) *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905) Volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 2019.

FREUD, S. (1908). As teorias sexuais infantis. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908). Volume IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: O Caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalho (1911-1913). Volume. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1913-1914). Totem e tabu e outros trabalhos. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Totem e Tabu e outros trabalhos (1903-1914). Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1919). Das Unheimliche. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: História de uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918). Volume XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2014.

FREUD, S. (1923). O ego e o id. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925), Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1924). A Dissolução do Complexo de Édipo. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925), Volume XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: O Futuro de uma Ilusão, ou Mal-estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931) Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GOMES, L. G. N.; SILVA JÚNIOR, N. da. Experimentação política da amizade: alteridade e solidariedade nas classes populares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 2, p. 149–158, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000200005>. Acesso em: 1 jun. 2025.

GONDAR, J. A amizade e a ética da psicanálise. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro v. 26, n.2, 2014, p. 233-237. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200014. Acesso em: 12 dez. 2024.

GONÇALVES, T. E. Do homem cordeiro para outro homem: apreciação psicanalítica do sentimento de amizade. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, São Paulo, v. 13, n. 1, 2005, 151-174.

GOUVEIA, H. R. Amizade. **Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região**, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.gepriopretoeregiao.com.br/textos/publicacao/amizade>. Acesso em: 1 maio 2025.

HAN, B. **A sociedade do cansaço (2010)**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. 1. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

LACAN, J. (1966). O estádio do espelho como formador da função do eu tal (1949). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

LACAN, J. (1956-1957). **O seminário, Livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, J. (1957-1958). **O seminário, Livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. (1959-1960). **O seminário, Livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. (1962-1963). **O seminário, Livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. (1964). **O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. (1984). **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LANDA, F. **Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LAPLANCHE J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanálise**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LUZ, A.B. Laços entre Freud-Ferenczi: encontros e desencontros. **Psicanálise em revista**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, 2024, p. 33-48. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psa-144560>. Acesso em: 19 de agosto de 2025.

MACEDO, H. O. A transferência e a amizade. **Percurso**, São Paulo, v. 15, n. 28, 2002. p. 55–66. Disponível em: <https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/805>. Acesso em: 02 fev. 2025.

NASIO, J.-D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

NASIO, J.-D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

OLIVEIRA, A. P. V. M. **Amizade e psicanálise: o cuidado de si no encontro com a alteridade**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-13112017-111930/publico/oliveira_me.pdf. Acesso em: 1 maio 2025.

OLIVEIRA, L. C. P. **O sentido da amizade em Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Uapê, 2012.

OLIVEIRA, M. M. As bem aventuranças de uma infância normal: amizade e psicanálise. **Cad. Psicanál. (CPRJ)**, Rio de Janeiro, v. 47 n. 52, p. 143-153, 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). From loneliness to social connection - charting a path to healthier societies: **report of the WHO Commission on Social Connection**. Geneva: World Health Organization; 2025. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/978240112360> Acesso em: 10 out. 2025.

ORTEGA, F. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida e Foucault**. Rio de Janeiro: Relume, 2000.

PELLIZZARO, N. A amizade na perspectiva de M. Foucault. **Argumentos – Revista de Filosofia**, Fortaleza, v. 7, n. 14, p. 113–126, 2015.

ROUDINESCO, E. Freud, história e memória. **Revista Brasileira de Psicanálise**. v. 51, n. 2, 2017.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de pesquisa em psicologia**. 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2012, p. 20-43.